

## OS HOMENS ATIVOS E O PERIGO DE NOSSA CIVILIZAÇÃO

VITOR CEI SANTOS

**Resumo:** Analisa o fenômeno designado pelo filósofo Friedrich W. Nietzsche como perigo de nossa civilização, refletindo sobre sua constituição histórica, seus valores e conseqüências para a sociedade contemporânea. Por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como principal referência o pensamento de Nietzsche, mostra que do Renascimento à Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, uma série de acontecimentos inaugurou os tempos modernos. O teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo e o racionalismo contrapôs-se à fé. Com o advento da burguesia surgiram os homens ativos, convertidos em sujeitos que usam a tecnologia para se apoderar do mundo. A matematização da realidade desencantou a natureza, absorvendo-a dentro da imanência da subjetividade e transformando-a em objeto de investigação e dominação científica. Instaurou-se, no mundo globalizado, uma racionalidade discursiva, abstrata, instrumental, burocrática e dominadora. No século XX, a aliança entre a técnica e o capital proporcionou duas guerras mundiais, o holocausto e a bomba atômica. No século XXI, o assenhoreamento técnico da realidade ameaça a devastação da Terra. Conclui, com Nietzsche, que pertencemos a uma época em que a civilização corre o risco de ser destruída por seus próprios meios.

\*\*\*

A 5ª Jornada Científica UVV nos convida a pensar o papel das instituições de ensino superior frente aos desafios do aquecimento global e suas principais conseqüências. Atualmente, o aquecimento global é o perigo que mais preocupa nossa civilização. A minha proposta, aqui, é acenar para o fato de que o aquecimento global não é um problema em si mesmo, mas apenas uma das conseqüências de um problema muito mais antigo. Esse problema foi designado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, no século XIX, como “o perigo de nossa civilização”.

No ano de 1878, Nietzsche fez um anúncio que hoje, em 2007, é mais atual do que nunca: “Pertencemos a uma época cuja civilização corre o perigo de ser destruída pelos meios da civilização” (NIETZSCHE, 2000, aforismo 520). As raízes do problema estão na origem do período histórico conhecido como modernidade.

Segundo o filósofo argentino Enrique Dussel (1993) a data memorável que marca o início da modernidade é o dia 12 de outubro de 1492, quando Cristóvão Colombo chegou a algumas ilhas na parte ocidental do Atlântico. Os detalhes históricos da invasão da América não cabem aqui. O que nos importa é saber que o ano de 1492 marca o início de uma das maiores

tragédias da história da humanidade: conquista, escravidão, genocídio e etnocídio de povos indígenas e africanos. Enrique Dussel também explica que, embora o nascimento da modernidade tenha se dado em 1492, sua gestação, como a de um feto, levou um tempo de crescimento intra-uterino que originou uma ordem diferente no curso dos acontecimentos.

Do Renascimento europeu à Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, uma série de reações contra o mundo medieval deu origem aos tempos modernos. Romperam-se as correntes que aprisionavam o homem num universo finito, hermético e divino. Os anjos foram expulsos do céu, que passou a ser objeto de estudo científico e, no século XX, destino de viagens interplanetárias; o teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo; à fé, contrapôs-se a razão; ao cristianismo, opôs-se o racionalismo cientificista. As terras, oceanos e céus foram loteados e privatizados; o espírito de associação foi substituído pelo individualismo; a esperança da felicidade eterna no paraíso foi substituída pela felicidade na sociedade.

A matematização do real, marco da modernidade, renegou e desqualificou as cores, sabores, cheiros e sons da realidade. Visto que a matemática pode estabelecer relações e ordem entre os elementos (números ou linhas) sem precisar de um objeto material, os dados sensíveis tornam-se dispensáveis. A humanidade ocidental passou a se colocar em uma posição separada do cosmos. Quando o homem se viu separado da natureza, ele conheceu a possibilidade de dominá-la. Assim, o homem ocidental converteu-se em sujeito; a natureza, desencantada e absorvida dentro da subjetividade, passou a ser objeto de investigação e dominação científica. Assim se desenvolveram a ciência e a tecnologia.

A *vita activa* do europeu renascentista se realizou com uma série de grandes projetos de construções – moinhos, pontes, canais, edifícios, fábricas e ferrovias. Como conseqüências ocorreram intensos movimentos de pessoas – êxodo rural, migrações entre países, colonização de outras terras e continentes. Populações inteiras foram expulsas de seus locais de origem. O progresso técnico-científico e o desenvolvimento econômico permitiram o fortalecimento político e militar da burguesia, que passou a impor seu modo de vida a todo o planeta. Instaurou-se, no mundo globalizado, uma racionalidade discursiva, abstrata, instrumental, burocratizante e dominadora. Esses homens ativos, como foram designados por Nietzsche, sofrem de um grave defeito:

*Defeito principal dos homens ativos.* - Aos homens ativos falta habitualmente a atividade superior, quero dizer, a individual. Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. – A infelicidade dos homens ativos é que sua atividade é quase sempre um pouco irracional. Não se pode perguntar ao banqueiro acumulador de dinheiro, por exemplo, pelo objetivo de sua atividade incessante: ela é irracional. Os homens ativos rolam tal como pedra, conforme a estupidez da mecânica. (NIETZSCHE, 2000, aforismo 283).

Rolando conforme a estupidez da mecânica, os homens ativos, com sua prática desenvolvimentista, agindo como torvelinhos em perpétua desintegração e renovação, convertendo o tempo em dinheiro, provocaram a perene sublevação e renovação de todos os modos de vida pessoal e social, profanando e dissolvendo todos os valores anteriormente estabelecidos, transformando-se em escravos de sua própria cobiça. Diante dessa situação, nasceu o niilismo: “O que significa o niilismo? Que os valores supremos perdem validade. Falta a meta; falta a resposta ao por que”, explica Nietzsche (2001, aforismo 2). O niilismo é, resumindo, um enorme vazio de valores em meio à desconcertante abundância de possibilidades que o mercado mundial proporciona. As velhas formas de honra e dignidade, de ética e moral, são incorporadas ao mercado, ganhando etiqueta de preço, como mercadorias. A lógica do melhor desempenho financeiro passa a ocupar o lugar central na vida moderna. O pensador contemporâneo Marshal Berman acrescenta: “Com isso, qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em que se mostre economicamente viável, tornando-se “valiosa”; tudo o que pagar bem terá livre curso. Eis aí a essência do niilismo moderno” (BERMAN, 2003, p. 127).

O niilismo afetou a ciência de modo que a lógica do melhor desempenho financeiro passou a ocupar o lugar central na maioria das práticas científicas. A partir de uma aliança entre a ciência e o capitalismo, o “como fazer” passou a ser mais importante do que o “por que fazer”. Os meios – métodos – passaram a justificar os fins. Como Nietzsche afirmou: “O que qualifica o século XIX não é o triunfo da ciência, mas o triunfo dos métodos científicos sobre a ciência” (NIETZSCHE, 2001a, aforismo 461). No século XXI tal afirmativa ainda é válida. A primazia do método, com vistas ao apoderamento da realidade, desvirtua a prática científica. A metodologia, apesar de sua importância, apresenta um aspecto nocivo: na busca por segurança e estabilidade, mede a realidade em um sistema de relações e ordenamentos lógicos, negando o caráter polissêmico da vida. Desse modo, a metodologia científica ignora que a vida é feita de contingências, felizes ou infelizes. A interpretação científicista do

mundo, diz Nietzsche, admite apenas contar, calcular, pesar, nada mais do que isso (NIETZSCHE, 2001b, aforismo 373).

Os homens ativos conduziram o processo histórico moderno de modo marcadamente belicista, opressor, arbitrário, autoritário, sufocante, gerador de violência, miséria, sofrimento e injustiça social. O ápice da modernidade tem como marcos duas barbáries de impacto planetário: a I e a II Guerras Mundiais. Duas cidades, uma polonesa e outra japonesa, simbolizam o terror da época: Auschwitz e Hiroshima, o holocausto e a bomba atômica.

No século XXI a ciência está em todos os âmbitos da vida: em nossas casas, universidades, na indústria, na economia, na política, na guerra, na saúde, no lazer, no esporte, nos meios de comunicação. Vivemos uma época em que o assenhoreamento técnico da realidade ameaça a devastação da Terra.

Atualmente, como afirmei no início da comunicação, o perigo que mais ameaça nossa civilização é o aquecimento global. A ação humana tem provocado o aumento da temperatura média dos oceanos e do ar perto da superfície da Terra, o que pode trazer conseqüências graves para todo o planeta – incluindo plantas, animais e seres humanos. Alguns efeitos conhecidos são os eventos climáticos mais intensos e mais freqüentes, como por exemplo: enchentes em várias partes do planeta, ondas de calor intenso, ciclones no Brasil, furacões em várias partes do mundo, secas e desertificação, além do degelo das calotas polares que aumenta o nível dos oceanos. É inegável que pertencemos a uma civilização que corre o risco de se destruir por seus próprios meios.

Para salvar a nossa civilização da destruição, Nietzsche propôs que arte imponha limites à ciência, freando o impulso niilista desta última. É que o problema da ciência não pode ser resolvido no âmbito da própria ciência. O problema da ciência não pode ser elucidado em análise científica porque a ciência não pode julgar-se a si mesma, assim como um réu não pode ser seu próprio juiz. É preciso, para Nietzsche, ver a ciência com a ótica da arte e a arte com ótica da vida.

A arte, grande estimulante da vida, é um antídoto para o perigo de nossa civilização. Enquanto o homem ativo quer controlar e dominar a realidade, o artista contempla e admira a

realidade e a vida. O artista assume o amor à vida em sua plenitude, com suas dores e prazeres, alegrias e tristezas, luz e trevas, de modo que até os lamentos se convertem em hino de louvor à vida.

O propósito dessa comunicação não foi apresentar respostas prontas, mas apenas acenar caminhos para o pensamento – e para a vida. Encerro com um poema de Nietzsche:

*Minha felicidade*

Depois que cansei de procurar

Aprendi a encontrar

Depois que um vento me opôs resistência

Velejo com todos os ventos.

## **REFERÊNCIAS**

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro (a origem do mito da modernidade)*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *La Voluntad de Poder*. Trad. Aníbal Froufe. Madrid: Edaf, 2001a.

\_\_\_\_\_. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.